

Gestão democrática: como ouvir jovens na escola?

Primeiro passo: gestão democrática

O primeiro passo para realizar a escuta dos jovens consiste em abrir o diálogo para estabelecer acordos com os alunos. É nesse momento que os professores e diretores podem mostrar-se abertos e decidir junto aos alunos quais serão os principais canais de diálogo e as regras. Serão reuniões semanais com a comunidade escolar? Um grupo em uma rede social? É manter a porta da diretoria aberta? Eleger representantes de sala? Convidar um palestrante todos os meses para discutir um tema atual? O importante é que esses canais, de fato, permaneçam abertos ao longo do ano e funcionem e ofereçam algum retorno para os alunos. Por parte da direção da escola, é preciso ainda apoiar os professores sem responsabilizá-los unicamente pelo processo de escuta dos jovens. Também é função da direção ajudar os educadores nesse processo com formações, oficinas, compartilhando metodologias e experiências de outras escolas. “Construir esta relação com os jovens significa abrir espaço de maior horizontalidade para pensar a forma como a escola vai se organizar, dando possibilidade do sujeito participar da **construção da escola**”, diz Geraldo Leão.

Repense o espaço físico

Parte da tarefa de criar uma cultura de participação e escuta dos jovens envolve repensar os **espaços físicos da escola**. "Ter que ficar sentado o dia

todo, enfileirado, sem poder conversar. Nada é mais distante da realidade de um jovem do que isso", diz Geraldo Leão. Por isso, as aulas em roda ou fora da sala de aula são essenciais. Discutir um tema, por exemplo, a História do Brasil no pátio de um museu ou analisar questões sociais percorrendo o **bairro da escola** também estimulam que os jovens participem mais e se sintam à vontade para expor suas dúvidas sobre o tema. "A estrutura do espaço é importante para construir um ambiente onde as pessoas possam se ver mais, escutar e perceber o seu lugar e o do outro", explica Denise Carreira. Também vale atenção à adequação do tema em relação à composição do grupo. Determinados assuntos podem ser debatidos com a comunidade escolar inteira, outros funcionam melhor em duplas ou só com alunos de uma mesma faixa etária.

Aborde temas do cotidiano das juventudes

A maneira mais simples de saber o que os jovens têm a dizer é perguntar. Em geral, a educação em si é um tema que aparece, porque afeta os estudantes diariamente e é o espaço onde estão inseridos. Demais temas costumam aparecer no cotidiano, espontaneamente, seja nas conversas entre eles, no dia a dia da sala de aula, ou por meio dos canais de comunicação estabelecidos previamente. Entre eles, política, afetos, **gênero**, raça, sexualidade, corpo, projeto de vida, **direito à cidade e ao campo**, diversidade e **desigualdades**, cultura, questões ligadas à tecnologias digitais, interesses de estudo e **mercado de trabalho**. Quando os temas não surgem com tanta facilidade, é possível trabalhar com os estudantes a partir de seus projetos de vida. Prepare uma atividade que envolva fazer escolhas e traçar caminhos para atingir os objetivos futuros dos alunos. Esse é um momento no qual podem refletir sobre de onde vieram, quem são, e para onde querem ir. Essas questões, por si só, geram dúvidas, angústias e revelam sonhos, empecilhos e potencialidades.

Experimente outras linguagens de expressão

Por vezes, a expressão dos jovens não se dá somente pelo diálogo. A escrita, a música, as pinturas e desenhos, a dança e o teatro também são formas de falar, e uma oportunidade para ouvir o que os jovens têm a dizer. Além disso, a facilidade de comunicação trazida pelas novas tecnologias e a afinidade dos jovens com estes aparatos não podem ser ignoradas. Assim, a escola pode aproveitar as **linguagens digitais** para potencializar essa expressão, desde que todos os alunos tenham acesso às mesmas ferramentas.

Aproxime-se enquanto educador

É um desafio para o professor assumir um papel em que ao mesmo tempo estimula liberdade mas também impõe limites. Sara Nery conta que consegue um equilíbrio nessa equação não só dialogando, mas se colocando em uma posição menos autoritária. "Eu escolho sair de um lugar de superioridade e ficar mais ao lado deles. Quando isso acontece, todo mundo aprende, eu e eles, porque o ensino se torna significativo e potente", conta. Na prática, um caminho para que isso se concretize é realizar um planejamento colaborativo, como a professora Sara desenvolve na NAVE Oi Futuro. Ela apresenta uma proposta detalhada do seu plano de aula aos alunos e explica por que é importante. Seja a matéria de uma disciplina, uma atividade extracurricular ou um debate. Depois, ouve o que os estudantes acham da proposta e faz ajustes e acordos quando necessário. No caso de recusas, planeja junto a eles alternativas. "O papel do professor também é estar aberto a ouvir críticas e sugestões e aprender com isso", diz.

Incorpore o que é dito

Depois de ouvir os estudantes, pode ser que a escola precise tomar algumas medidas, por exemplo, se percebem que há problemas em relação ao funcionamento da instituição. Assim, podem instaurar uma participação mais ativa dos alunos nas decisões da escola, do planejamento das aulas e

atividades, e decidir com a comunidade escolar como resolver essas questões. Em outros casos, pode significar buscar ajuda externa e intersetorial, seja da Assistência Social ou Saúde, propor palestras e debates com especialistas do território ou promover oficinas.